

As “Ledas” da campanha

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Já que as pesquisas de opinião estão dando o maior ibope, valeria a pena uma boa consulta nos comitês de campanha sobre a popularidade interna de alguns parentes, amigos ou correligionários ilustres dos candidatos. Com a garantia de voto secreto, dá para apostar que o resultado seria um fantástico índice de rejeição. Uma velha regra política é a de que o pior inimigo não é o adversário, mas o mau aliado. Nas eleições presidenciais, essa regra tem recebido pitadas bem ardidadas de atualidade.

Cada vez que Leda Collor de Mello abre a boca no Rio de Janeiro, uma equipe inteira de assessores de campanha estremece em Brasília. Deu um trabalho infernal moldar a imagem pública do candidato Collor. Dá um trabalho igualmente infernal corrigir a imagem real que Leda teima em transmitir do filho Fernando. “Com duas Ledas, a campanha já estaria perdida”, desabafou, com ironia, um antigo colaborador de Fernando Collor de Mello.

Cada candidato tem a sua Leda, às vezes tão ingênua, em geral não tão bem intencionada. Ulysses Guimarães tem uma penca delas no PMDB. Aureliano Chaves não faz outra coisa senão reclamar das suas no PFL. Até Mário Covas tenta exorcizar as “Ledas” do recém-criado e menos heterogêneo PSDB. Bem mesmo faz Leonel Brizola, que simplesmente isola a família a sete léguas da imprensa durante a campanha.

A versão Collor por Collor, publicada no dia 18 de junho pelo Estado: um rapaz que “apanhou muito da polícia em seus tempos de militância estudantil”. A versão Collor por Leda, publicada no mesmo dia pelo Jornal do Brasil: um rapaz “fechado e pouco afetivo”, que ainda por cima “Só pensava em festas, esportes e em namorar”. Mas a equipe pulou mes-

mo quando Leda chamou o ator Tião Macalé, o “Nojento”, de “aquele crioulo desdentado”. Tão crioulo e tão desdentado quanto milhões de brasileiros que vão votar em novembro...

Na confederação PMDB, a mais notória “Leda” é o deputado Luiz Henrique da Silveira, que degusta o poire de Ulysses e virou ministro às suas custas, mas foi desconfortavelmente flagrado em namoricos com o governador Orestes Quêrcia na fase crítica em que o partido se engalfinhava na escolha do candidato. Coordenador nacional de um encontro que deveria reunir dois mil prefeitos peemedebistas em Foz do Iguaçu, no fim de semana passado, Luiz Henrique não soube explicar por que só apareceram 137: “Não tenho a menor idéia”, disse.

O PSDB formou até bons quadros no Rio Grande do Sul, mas esses quadros somaram purismo ideológico com incapacidade de trabalho e o resultado não foi dos melhores: nem eles estruturaram o partido, nem permitiram que lideranças de outras siglas ajudassem a popularizar Covas no Estado. No final das contas, o senador José Paulo Bisol não só troca os tubanos pela vaga de vice de Lula, do PT, como escolhe a dedo a pior data do anúncio: justamente no dia seguinte ao famoso “discurso de estadista” de Covas, ou seja, no meio da festa da decolagem.

Aureliano vê boicotes à sua candidatura em toda a parte, mas pode não estar procurando as suas “Ledas” no lugar certo. Se ele acha que elas estão no “grupo moderno” do PFL, é mais provável que estejam dentro do Palácio do Planalto, de onde modificaram as leis eleitorais para reabrir os prazos de filiação partidária para os candidatos. Desconfia-se que o presidente José “Leda” Sarney esteja à procura de outro nome. Por exemplo o de Jânio Quadros — a mais recente e esfuziante “Leda” da campanha de Aureliano.